

A Obra de Mark Dery

Gunter Axt

USP

Brasil

Conheci o jornalista Mark Dery em 2007, quando o trouxemos para conferenciar em Porto Alegre. Embora seu instigante “Velocidade de Escape”, sobre a cibercultura de massas na virada do Milênio, estivesse publicado em Portugal, no Brasil ainda se tratava de um autor praticamente desconhecido. A revista Cult, de São Paulo, enfrentou pioneiramente a lacuna publicando um artigo seu. No ano seguinte, outro artigo apareceu na coletânea que reunia as conferências proferidas em 2007 no ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, ao lado de consagrados críticos da cultura, como Camille Paglia e Christopher Hitchens, aos quais Dery vem sendo comprado nos Estados Unidos. Agora, com esta bem vinda seleção de ensaios especialmente concebida para a edição em língua portuguesa, a Editora Sulina consolida a aproximação de Dery ao público brasileiro. Já não era sem tempo!

Estudioso das aberrações marginais, da moda, da mídia, da arte, da cultura na ultramoderna sociedade de consumo de massas, Mark Dery foi associado a conceitos que embalaram a vanguarda intelectual dos anos 1990, como “culture jamming”, movimento de guerrilha intelectual bramido por setores do jornalismo crítico, cujo vigor repercute no século XXI. Longe de festejar faceiramente as vertiginosas transformações da Era Digital, Dery revela fina percepção dos fenômenos contemporâneos da comunicação e do consumo, sem despir-se, em suas análises, da herança libertária da Contracultura e prismando, esta, pela lente do rude desencanto anarquista punk, bem como pelo sombrio fractal gótico, dos anos 1980.

Emerge, assim, a crítica cultural da Era do Eixo do Mal. Uma autópsia da *decadência do império americano* entre o cassino global, a intolerância simbólica e o ataque aos direitos civis. E o humor, como aponta Dery, é a primeira vítima da

237

*A Obra de Mark
ery*

Gunter Axt

guerra cultural, como escancara a lança mortífera apontada para os responsáveis pelas charges do Profeta Maomé.

Gosto do seu humor, emanado de uma dramaticidade exagerada, tão próxima daqueles que viveram o pop nos porões dos anos 1980. Sarcasmo sardônico e ironia cortante caminham lado-a-lado da rigorosa elaboração acadêmica. Ao rir de si mesmo, então, como às vezes faz, Dery aproxima-se de cada um de nós, flertando com a coragem de auto-exposição dos romancistas. Método e estilo que legitimam suas ácidas provocações às insanidades da cultura norte-americana na virada do Milênio. Sim, ler Dery não apenas é um passeio crítico pela contemporaneidade, algo esquizofrênica, mas é prazerosa experiência – ups!, alguém aí falou numa trincheira subversiva nas fímbrias do parque-de-diversões (*sanatório pirotécnico*) da cultura do entretenimento?

Em ensaios curtos, de leitura sedutora, Dery enfrenta narrativamente facetas da estética cotidiana para desvelar sentidos da contemporaneidade esquiva. Já nas primeiras linhas o leitor sente-se engolfado pela linguagem imagética, inventiva, poderosamente metafórica e relacional, transpirando rara erudição, com trânsito entre a alta cultura, a cultura popular e de massas e as mais recônditas manifestações de subculturas undergrounds. Suas analogias acrobáticas e ousadas associações nos sugerem a cada vírgula novos sentidos. Mas, como um artista, esbaldando-se na doce liberdade do estilo ensaístico, Dery preocupa-se mais com as perguntas do que propriamente com as respostas. Não espere conclusões mastigadas, pois seus conceitos desenham-se na bubuia, entre jogos de linguagem, narrativa cenográfica e catadupas de remissões – a intelectuais, bandas de rock, romancistas, ciberpunks, artistas, filmes, séries de TV, blogs, fanzines...

Corrosivo, Dery é politicamente incorreto. Sua inquietação invade os limbos das *zonas mortas*, intelectualmente vedadas pelas patrulhas ideológicas, pelos dogmatismos, pelo establishment da carreirista burocracia acadêmica. Livre atirador, insurge-se contra os fascismos, à direita e à esquerda, desdenha das perplexidades estéticas da burguesia, ataca o elitismo e repele a mordaza puritana que jugula a América. Milita como intelectual público, falando de coisas muito próximas de todos nós, mesmo quando esquadrinha bizarrices pelas dobras veladas das subculturas

subterrâneas, estejam elas associadas a fetiches sexuais ou a seitas evangélicas, como aquela que proclama ser o Papai Noel um deletério agente de um insidiosa e vasta conspiração satânica.

O Facebook parece-lhe um depósito de mortos-vivos, gancho para inquirir sobre a lógica hipnótica e fugaz das amizades virtuais descoladas da vida cotidiana, ou remeter à aberrante transparência do eu na contemporaneidade difusa.

A vertigem de informações da era on-line desponta como um desdobramento da aceleração da vida, vivida em uma velocidade pós-humana, cujo contraponto se encarna no inusitado culto ao tempo congelado – das fotos de ações imperceptíveis a olho nu, passando pelo slow motion até chegar aos livros de auto-ajuda com receitas para desacelerar a rotina.

O que nos leva à angústia desesperada da pilha de jornais não lidos no canto da sala, ou sobre a mesa do escritório, revelando um tempo escoado, cada vez mais roubado por uma literatura invisível, progressivamente onipresente – memorandos de escritório, e-mails infundáveis, spams, blogs, manuais de aparelhos, bulas de remédios –, que num horizonte pós-corporativo e definitivamente on-line pode se tornar acervo mnemônico capaz de explicar a cultura do século XX.

Nos spams, Dery percebe uma “*ressonância magnética da mente de massa*”, cuja mutação eletrônica, desenvolvida para furar os sistemas de defesa que lhes dão combate, pode ser captada como versão contemporânea da poesia surrealista: ah, se Marcel Duchamp fosse vivo!

Morbidamente, Dery lamenta que a nota suicida seja tão negligenciada como gênero literário. Mas reconhece que as “*eloquentes são raras porque o suicídio é o momento em que a linguagem falha*”.

Já os incensados blogs frustraram na promessa de um jornalismo alternativo, pois a grande maioria não produziria conteúdo, chupando-o da mídia convencional, ou veicularia informações com baixo índice de confiabilidade. E caímos no paradoxo de uma era da informação que supervaloriza a subjetividade e expande a credulidade ingênua.

Paradoxos não faltam. A moda camuflada, inspirada nas estampas militares, em tempos conflagrados, é uma glamourização da guerra ou um atestado de

alienação? Já os SUVs, utilitários esportivos urbanos, não deixam dúvidas: traduzindo um padrão de consumo arrogante, golpeado pela crise de 2008, com ânsia por diferenciação hierarquizante numa sociedade juridicamente igualitária, como a estado-unidense, converteram-se em símbolo de uma superpotência inconsequente. Rescaldo recente, talvez, do tipo de lógica culturalista excludente que Dery diseca como imantadora dos outrora popularíssimos testes de QI – carcaças de parceiros silenciosos da eugenia que o instigam a perguntar: o que é a inteligência, afinal?

A f(r)icção científica é um dos terrenos preferidos de Dery, menos, porém, pelas suas representações, do que pelos seus silêncios ou apropriações marginais do *mainstream*. Fértil é aqui o terreno para a sua guerrilha semiótica – a exemplo de divertidíssimos fanzines jorrando fantasias homoeróticas inspiradas na série *Jornadas nas Estrelas*. Atento aos abantesmas semióticos da cultura de massas, contexto no qual a ficção científica tende a apresentar a tecnologia como apanágio de um clubinho de meninos brancos, Dery, num de seus ensaios mais famosos, se pergunta por que existem tão poucos afro-americanos escrevendo-a: “*pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado, e cujas energias foram subsequentemente consumidas pela busca por traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?*”. E propõe vasculhar, o que denominou de “Afrofuturismo”, no breakdance das ruas de Nova Iorque, em quadrinhos, na música eletrônica, da Motown ao dub, passando pelo ecstasy, com teclados sintetizados e vozes robotizadas.

E o que significam os zumbis? Muito mais ágeis do que os farrapos rastejantes de alguns anos atrás, os mortos-vivos de hoje condensam o horror à mestiçagem, biológica e cultural, recendem à alienação branca da alteridade, fulguram os piores medos de uma era pós-11 de Setembro, de paranóia e epidemias globais. O zumbi é o pesadelo da mesma mente que vê no golfe um paraíso mirífico. Em tempos turbocapitalistas, o golfe customiza áreas imensas – que poderiam abrigar parques públicos ou zonas de conservação selvagem – em fortificados playgrounds para a elite branca.

Para Dery, a guerrilha semiótica encontra numa arqueologia do grotesco, método privilegiado. Do fascínio gótico da Inglaterra oitocentista pela decadente

Roma às manifestações de sexualidades extremas na Internet, o grotesco é revelador de perturbadoras verdades por trás do mundo que conhecemos. Umbilicalmente conectado à cultura pop dos anos 1980, Dery percebe o grotesco como altamente subversivo, em contraste com o conservadorismo regressivo do gótico. Ninguém mais, aliás, promove um espetáculo Alto-Gótico como o Vaticano!

O grotesco virtual lhe permite apreciar de camarote a tecitura entre a cibercultura e o indivíduo. A ubiquidade da Internet, para Dery, estabeleceu uma aceitação tácita das diversidades, ao mesmo tempo em que fez avançar uma normalização do pornô, revelando o vetor de ampliação das fronteiras da anormalidade na cultura ocidental. Donde um choque esquizofrênico entre o novo e o velho precipita a população numa dissonância cognitiva, de conseqüências ainda imprevisíveis. Nos Estados Unidos, a sociedade se vê amordaçada pelos valores morais neopuritanos, enquanto a Internet e a cibercultura convidam à expansão e à liberalização e conferem extraordinária visibilidade à transgressão, numa interação dialética que cinzela para cada ação repressiva uma reação transgressora do underground. Amores que não se atrevem a dizer seus nomes são proclamados online, numa vingança dos reprimidos, mas expondo aquela que teria sido a maior baixa do século XX: a morte do afeto entre as pessoas.

A verve polemista o empurra para terrenos espinhosos. Depois de identificar no superbowl uma explosão de homoerotismo reprimido, Dery acredita que de tão evidente na sociedade americana a homofobia se torna invisível. Já a suástica usada pelo jovem Príncipe Harry em uma festa a fantasia pode ser sim reveladora de um certo anti-semitismo da nobreza inglesa, também encontrado em personagens da elite americana, como Walt Disney. E, então, Dery teme que o horror do Holocausto esteja sendo banalizado e domesticado, por produções hollywoodianas mercantilizadas e museus convertidos em parques temáticos, numa evisceração da História que tira o passado do seu contexto.

Concorde ou não com Mark Dery, há em suas provocações um irrecusável convite para encarar, com boa dose de humor, o não-dito na explicitude que nos cerca.

Gunter Axt

Florianópolis, outubro de 2010

242

*A Obra de Mark
ery*

Gunter Axt